

A vida como ela é: *fait divers* rodriguiano

ELLEN MARIANY DA SILVA DIAS *

RESUMO: Entre 1951 e 1961, Nelson Rodrigues manteve uma coluna diária no jornal *Ultima Hora* intitulada *A Vida Como Ela É*, escrevendo, aí, mais de dois mil contos cuja temática gira principalmente em torno do adultério. Nos anos noventa, Ruy Castro reuniu noventa e cinco destes contos, publicando-os em *O Homem Fiel e Outros Contos* e *A Coroa de Orquídeas*. Desses dois volumes, selecionei como *corpus* cinco contos que tratam do adultério cometido por mulher casada: “O pediatra”, “Curiosa”, “A mulher das bofetadas”, “Esposa bem tratada” e “O primeiro pecado”. A partir de uma análise que considera os principais elementos da narrativa – tempo, narrador, personagem, motivo, tema, motivação –, observa-se que estes contos são estruturados de forma muito semelhante, baseando-se num mesmo eixo combinatório que diz respeito à aprovação ou à reprovação do adultério por parte tanto do marido traído quanto da esposa adúltera. Contudo, mesmo tendo esta marcante semelhança, os contos engendram significações e efeitos distintos. Quanto às significações, tal diferença vincula-se às funções e aos juízos atribuídos ao adultério no contexto da narrativa; já os efeitos, à aproximação ou não dos paradigmas do *fait divers* (BARTHES, 1977).

PALAVRAS-CHAVE: Adultério; Conto; *Fait divers*; Nelson Rodrigues.

ABSTRACT: Nelson Rodrigues wrote for the *Ultima hora* newspaper daily column known as *A Vida Como Ela É (Life As It Is)*, from 1951 to 1961. He composed over two thousand short stories, in which the main theme was adultery. In the nineties, the journalist Ruy Castro joined ninety-five of these short stories, and published them into two volumes works, *O Homem Fiel e Outros Contos (The Loyal Man and Other Short Stories)* and *A Coroa de Orquídeas (The Crown of Orchids)*. I have selected, from these works, five short stories dealing with married woman’s adultery to compose the corpus of the present article. Those stories are “O Pediatra”, “Curiosa”, “A Mulher das Bofetadas”, “Esposa Bem Tratada”, and “O Primeiro Pecado”. From an analysis based on the main narrative reading operators, such as, time, narrator, character, motive, theme, and motivation (TOMACHEVSKI, 1976), it is possible to verify that these short stories have a similar structure, due to their combinatorial axis, which is about the approval or disapproval of adultery by the cheated husband and the cheating wife. However, despite the similarity, these short stories produce different meanings and effects. Concerning the meaning, this difference is linked to the functions, and judgments related to adultery in the context of the narrative; whereas the effects are linked to the approaching or not of the paradigms from *fait divers* (BARTHES, 1977).

KEYWORDS: Adultery; *Fait divers*; Nelson Rodrigues; Short Story.

* Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Brasileira pelo Instituto de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” -UNESP, campus de São José do Rio Preto, SP. Professora no Colegiado de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, campus de Marechal Cândido Rondon, PR. E-mail: ellenmarianydias@gmail.com

Introdução

As dezessete peças de Nelson Rodrigues são um marco na dramaturgia brasileira do século XX, seja pela sua concepção *poética* única, seja por algumas de suas montagens inovadoras. Escritas e montadas a partir da década de quarenta do século XX, suas peças continuam presentes, até hoje, nos palcos brasileiros, tendo sido, também, adaptadas para o cinema e para a televisão. Quanto à pesquisa, o quadro não se altera: suas peças são, frequentemente, objeto de estudo de artigos, ensaios, dissertações e teses. Contudo, as peças são, apenas, uma fatia do trabalho de Nelson Rodrigues, visto ele ter escrito, também, e em escala bem maior que as peças, crônicas e narrativas (romances e contos), veiculados, em princípio, em jornais, alcançando grande repercussão na ocasião de sua publicação. Estes demais trabalhos de Nelson Rodrigues, além de não terem muito destaque frente às peças, não vêm sendo objeto de pesquisa. A justificativa para isso é, comumente, a seguinte: o teatro seria de notável qualidade estética, sendo, por isso, digno de estudo; quanto ao restante da obra, não se poderia dizer o mesmo. A despeito da suposta superioridade estética da dramaturgia, que não convém ser abordada aqui, fato é que o restante da obra de Nelson Rodrigues constitui-se num rico material ainda inexplorado. Rico porque, além de poder ser um importante contraponto às peças, concentra a maior parte da produção do autor; produção que implica o contato diário e prolífico de Nelson Rodrigues com a vida política, social e cultural do Brasil (crônicas) e, principalmente, com a criação literária (narrativas). Nesse sentido, acredito que o estudo da narrativa rodrigueana, mais precisamente os contos, faz-se relevante.

Esclarecendo o contexto em que estes contos foram inicialmente escritos, convém dizer que, durante dez anos, de 1951 a 1961, Nelson Rodrigues manteve uma coluna diária do jornal *Ultima Hora*, de Samuel Wainer. Nesta coluna, intitulada *A Vida Como Ela É*, Nelson escreveu mais de dois mil contos que, em sua maioria, tratavam do adultério. Como estes contos eram publicados em jornal (um periódico de vida relativamente curta), com o passar do tempo, tornava-se difícil, ou quase impossível, encontrá-los. Por isso, em 1992 e 1993, um projeto capitaneado pelo jornalista e escritor Ruy Castro teve como objetivo resgatar os contos de *A Vida Como Ela É* e torná-los acessíveis aos leitores. Para tal, Ruy Castro selecionou alguns contos que, então, foram publicados em dois volumes: *O Homem Fiel e Outros Contos*, contendo quarenta e cinco contos, e *A Coroa de Orquídeas*, contendo cinquenta. É a partir destes noventa e cinco contos que selecionei cinco que têm o *adultério cometido por mulher casada* como principal assunto: “O pediatra”, “Curiosa”, “A mulher das bofetadas”, “Esposa bem tratada” e “O primeiro pecado”.

A principal hipótese que norteará este trabalho diz respeito ao posicionamento de dois personagens (o marido traído e a mulher adúltera) perante o adultério em cada um destes contos. Acredito que estes contos são muito semelhantes estruturalmente, diferenciando-se na medida em que estes dois personagens aprovam ou não adultério. Mas, mesmo tendo esta marcante semelhança, estes cinco contos engendram significações e efeitos bastante diferentes.

De modo a viabilizar o dito acima, organizo esta reflexão em quatro etapas distintas. A primeira contém a análise dos cinco contos, no que se refere aos elementos básicos da narrativa (tempo, espaço, personagens, diegese e *velocidade* da narrativa). Em seguida, com base no feito anteriormente, delimito o eixo combinatório comum às cinco narrativas de acordo com o já mencionado posicionamento do marido traído e da mulher adúltera frente ao adultério. A terceira etapa consistirá num estudo das significações do adultério nestes cinco contos. E, na última etapa, tratarei dos diferentes efeitos estéticos de cada conto, cujo paradigma será o *fait divers*, as notícias dos fatos cotidianos veiculadas por jornais, tal como compreendido por Roland Barthes.

Primeira etapa: as cinco narrativas

A análise que se segue tem por objetivo descrever as tramas dos contos aqui selecionados a fim de detectar, principalmente, a posição da mulher adúltera e a do marido traído, bem como as relações que se estabelecem entre ambos. Estas informações serão essenciais se identificar os eixos combinatórios que possibilitam a criação por Nelson Rodrigues de novos contos e diferentes efeitos. Nesta etapa, tal análise centrar-se-á na estruturação dos contos. Suas implicações temáticas serão abordadas nas etapas posteriores.

Estes cinco contos têm inúmeras semelhanças estruturais. De modo a tornar esta análise mais sucinta, convém a apresentação destas semelhanças de antemão, dispensando a retomada integral destes aspectos quando da análise de cada conto. Dentre as mais marcantes semelhanças, destacam-se:

1) o narrador é heterodiegético, *i.e.*, não integra/integrou, como personagem, a diegese¹; conseqüentemente, quanto aos *níveis da narrativa*, ocupa o nível extradiegético, aquele que se encontra fora do âmbito dos eventos que narra. O narrador heterodiegético, geralmente, expressa-se em terceira pessoa, o que camufla a sua presença. Além disto, demonstra ter autoridade perante a história contada, pois conhece todos os dados que dizem respeito a ela;

2) o narrador *heterodiegético* opta, preponderantemente, pela focalização externa. Isto significa que a apresentação da diegese dá-se mediante os dados objetivos/observáveis. Contudo, há alguns casos de alteração na focalização, em que a apresentação de dados objetivos/observáveis (focalização externa) dá lugar a sutis e momentâneas descrições de dados subjetivos/não-observáveis dos personagens, tais como: pensamentos, sentimentos, suposições etc. de modo a, artificialmente, valer-se do conhecimento destes personagens para incrementar a diegese (focalização interna múltipla). É válido, também, mencionar que, por vezes, há a intrusão do narrador. Esta difere da focalização interna múltipla devido a os elementos que lhe dizem respeito vincularem-se mais à uma suposição do narrador que

¹ Os termos *heterodiegético*, *diegese*, *extradiegético*, *focalização externa*, *alteração na focalização* e *focalização interna múltipla* são conceitos de GENETTE (1972, p. 251 *et seqs*).

à subjetividade dos personagens. De qualquer forma, as ocorrências de focalização interna múltipla e de intrusão do narrador não obliteram a preponderância da focalização externa;

3) as fábulas dos contos têm a seguinte estrutura: 1o) mulher casada mostra-se, ao amante potencial, propensa ao adultério; aqui, a percepção de tal propensão é, muitas vezes, estimulada por um amigo do amante; 2) há negociações por telefonema para a efetivação do adultério; nestas ocasiões, a mulher toma a iniciativa; 3) ocorre o adultério numa *garçonnière* que o amante possui ou toma emprestada de um amigo; 4) dá-se o desfecho, em que se explicitam os posicionamentos da mulher, do marido e do amante frente ao adultério ocorrido;

4) quanto à velocidade da diegese, o narrador intercala cenas, diálogos principalmente, e sumários - informações adicionais que contextualizam as cenas - com espaço para elipses, o corte de uma cena para outra;

5) as tramas dos contos em questão têm a seguinte estrutura: 1º) um rápido sumário que introduz uma cena; esta cena indica que o conflito já se encontra em certo estágio de desenvolvimento; 2º) de modo a explicar o princípio do conflito indicado na cena, o narrador introduz uma narração de eventos anteriores à cena inicial que, narrada por intermédio de mais um rápido sumário, esclarece possíveis dúvidas a respeito do conflito narrado; convém mencionar que estas analepses ocorrem, também, após cenas que não a primeira, além de poderem ser fornecidas por um dos personagens ao invés de o serem pelo narrador; 3) a partir de então, o narrador segue na narração do conflito de forma linear, intercalando sumários, cenas e elipses, até o desfecho da narrativa.

Além das semelhanças estruturais, os cinco contos possuem as seguintes características em comum: a) centram-se na temática da busca feminina pela satisfação afetiva/sexual, o que implica uma espécie de reificação do homem/amante; b) o amante, ainda que questione as razões pelas quais a mulher comete o adultério, é, sempre, de uma forma ou de outra, manipulado por ela; c) como já dito, os contos são frutos da combinação entre diferentes posições de dois dos personagens envolvidos: a mulher adúltera e o marido traído. É com base neste último item, o posicionamento dos dois personagens em relação ao adultério, que os eixos combinatórios sob os quais se constroem os contos serão descritos. Segue-se, agora, uma breve análise dos contos em questão.

“Curiosa”²

Neste conto, Serafim e um amigo estão em uma festa. Num comentário discreto, o amigo

² In: *A Vida Como Ela É...: O Homem Fiel e Outros Contos* (Seleção de Ruy Castro, São Paulo, Companhia das Letras, 1992), p. 189-193. As citações referentes a este conto serão fornecidas no próprio corpo do texto, entre parênteses, com a sigla C, seguida do número da página.

alerta-lhe sobre as insinuações de Jandira. Cheio de escrúpulos, Serafim afirma que é amigo de Paiva, marido de Jandira, “até debaixo d’água”. Não contente, o amigo reitera: “— Ou tu dá em cima dela, ou ela dá em cima de ti. Não tem escapatória!” (C, p. 189). Daí por diante, por meio de claras investidas, Jandira é quem o convida para dançar e, posteriormente, telefona-lhe, marcando um encontro. No telefonema, Serafim diz a Jandira que não entende porque ela trai o marido, já que ela diz sentir exagerado ciúme dele. Ela responde que, realmente, ainda tem ciúme do marido. Descontente e sem entender tal resposta, o amante ainda pergunta como é possível ela sentir ciúmes de quem ela não gosta. Novamente, ela responde que gosta do marido. Em seguida, pede para o amante não fazer perguntas e afirma num tom irônico: “— Também gosto de ti, bobinho! Também gosto de ti...!” (C, p. 192), o que desconcerta Serafim. Obsessivo, é ele quem passa a sentir ciúmes, regulando a quantidade de beijos que ela recebia do marido, se ele a via nua etc. Por causa disto, Serafim começa a considerar Paiva como seu inimigo mortal e, sem hesitar, arruma uma *garçonnière* para ele e Jandira. Após o encontro amoroso, enquanto ela refaz a maquiagem, Serafim pergunta-lhe qual ao motivo do adultério, já que Jandira afirmou gostar do marido. Ela responde: “O único homem que tinha me beijado, o único homem que eu, enfim, conhecia, era meu marido. [...] Eu quis fazer uma experiência... [...] Questão de curiosidade..” (C, p. 193). Descontente por ter sido a cobaia de Jandira, Serafim obriga-a a dizer qual foi o resultado da experiência adúltera. Ela responde que foi o pior resultado possível, pois homem nenhum se compara ao seu marido. Serafim fica arrasado e, nos dias seguintes ao acontecido, passa a persegui-la. O marido de Jandira descobre a insistência de Serafim e dá-lhe uma surra.

Pode-se observar que, neste caso, é a mulher quem se mostra propensa a cometer o adultério. Também é ela quem toma a iniciativa via telefone, e incita o amante a procurar um interior para consumir a traição. É a partir do desejo por adultério, estimulado pela curiosidade de conhecer outro homem, que Jandira submete tanto o amante quanto o marido. Nota-se isto no desfecho da aventura amorosa, quando ocorrem dois eventos: 1) ela revela a Serafim que a experiência sexual não foi satisfatória; 2) quando Paiva fica sabendo da história e dá uma surra em Serafim, pois este não parava de perseguir Jandira. Nota-se, ainda, que o poder manipulador de Jandira fica explícito ao promover a desintegração da amizade que antes existia entre Serafim e Paiva. Assim, ela desempenha um duplo papel: em relação ao amante, ela desperta-lhe ciúme ao falar-lhe sobre seu marido e humilha-o sexualmente ao dizer que a experiência adúltera fora frustrante. Ainda, enfatizando tal humilhação, no conto, há a sugestão de que, para livrar-se das perseguições de Serafim, Jandira possa ter convencido Paiva a surrá-lo. Como a surra, de fato, acontece, fica sugerido que o marido de Jandira compactua com ela, negando qualquer relação de amizade com Serafim. Este, por sua vez, é o mais prejudicado no desfecho da narrativa, pois acaba humilhado e sozinho. Paiva, apesar de ter sido traído, mantém-se numa posição “confortável” em relação a Serafim, pois não perde seu *status* de marido, mesmo tendo ocorrido o adultério.

“A mulher das bofetadas”³

Aristides, ao chegar ao emprego, é avisado pelo amigo Carvalhinho que uma mulher lhe telefonara. Dez minutos depois, o telefone toca, e Aristides atende. Era Dorinha, uma ex-namorada, “sua dor de cotovelo confessa e imortal” (AMDB, p. 103). Enamoraram-se na adolescência, mas, por motivos banais, separaram-se; ela casou-se com Gouveia. Ultimamente, quando Aristides a via de passagem, “precisava tomar um pileque dantesco” para esquecê-la (AMDB, p. 103). Aristides mal acredita que é Dorinha quem lhe telefona. Marcam um encontro na sorveteria para dali a vinte minutos. Ao se encontrarem, ele vai logo disparando: “— Sou todo teu. Nunca deixei de te amar” (AMDB, p. 104). A moça explica que precisa de um favor, sugerindo que Aristides providencie um local para um encontro mais íntimo. Em princípio, ele não entende tal sugestão; assim, ela exclama: “— Para falar português claro: — estou oferecendo a minha tarde livre. Leva-me!” (AMDB, p. 104). De táxi, eles rumam até o apartamento de um amigo de Aristides. No caminho, Dorinha pergunta se ele não quer saber o motivo do encontro. Ele rejeita qualquer justificativa: “— Você está aqui, comigo, a meu lado, e não interessam os motivos, argumentos, nada!” (AMDB, p. 104). Depois do adultério consumado, Aristides comenta que não sabia que Dorinha gostava tanto dele. Surpresa, ela diz que não gosta mesmo. Ele se desespera. Para justificar a sua resposta, Dorinha apresenta a Aristides a explicação para o adultério que, desde o princípio do conto, ela queria dar-lhe: o marido havia lhe dado uma bofetada; por isto, ela resolvera encontrar-se com Aristides. Este pergunta se haverá outros encontros. Ela responde que sim, desde que o marido lhe bata de novo. A partir daí, os encontros clandestinos entre Aristides e Dorinha só acontecem sob a condição de que o marido dela a esbofeteie. Mesmo se sentindo humilhado, Aristides não consegue parar de pensar na moça. Dias depois, Dorinha telefona-lhe marcando outro encontro, pois havia apanhado do marido novamente. Depois de vários encontros sob estas condições, numa tarde, ela comenta com o amante o quanto os homens são burros. Ele não entende o comentário. Então, ela revela que, na verdade, as bofetadas dadas pelo marido nunca existiram, não passavam de mero pretexto para que ela procurasse o amante. O verdadeiro motivo dos encontros é a paixão de Dorinha por Aristides.

Em AMDB temos, novamente, a mulher que toma iniciativa. Usando de todos os artifícios possíveis, Dorinha obtém o encontro com Aristides. Em seu favor, claramente demarcada no texto, há a antiga paixão que Aristides nutre pela moça. Não satisfeita com tal certeza, Dorinha simula uma situação, as bofetadas dadas pelo marido, que serve como razão/pretexto para o adultério. Isto sugere que ela se interessa em manter o total domínio da situação. Tanto é que ela só revela o verdadeiro motivo dos encontros a Aristides quando bem entende. Além disso, a revelação é feita com certa carga de ironia, quando diz ao amante o quanto os homens são burros. Neste mesmo comentário irônico, Dorinha sugere como foi fácil manipular o amante: no início, rejeita-o, afirmando que não gosta dele e que só traiu

³ In: *A Coroa de Orquídeas e Outros Contos de A Vida Como Ela É* (Seleção de Ruy Castro, São Paulo, Companhia das Letras, 1993), p. 103-106. As citações referentes a este conto serão fornecidas no próprio corpo do texto, entre parênteses, com a sigla AMDB, seguida do número da página.

seu marido por causa das bofetadas. Em seguida, sob a condição das bofetadas, Dorinha obtém a certeza de outros encontros com Aristides. E, por último, revela a ele o motivo pelo qual ela se reaproximou, a paixão. Assim, Aristides acredita em tudo o que Dorinha diz, e, por isso, é manipulado com facilidade. Ao mostrar-se apaixonado e, de certa maneira, um tanto ingênuo, ele é incapaz de distinguir o jogo amoroso arquitetado por ela, aceitando as condições impostas pela moça.

“O primeiro pecado”⁴

Mário e Irene estão numa sorveteria. De súbito, ela comenta que tem de chegar em casa, pois o marido a está esperando. Mario se assusta, porque não sabia que ela era casada. Despedem-se. Ele caminha para um bar para encontrar os amigos. Lá, divide o caso com Jordão. Conta-lhe que uma possível experiência com mulher casada o impressiona. O amigo, para incentivá-lo, oferece-lhe o apartamento que possui para fins amorosos. Num outro encontro em lugar público, Mário, desconfiado de Irene devido à sua clara propensão a cometer adultério, faz inúmeras perguntas: se é a primeira vez que ela trai, se o marido desconfia, se ambos brigaram. Ela o interrompe bruscamente e diz que não gosta de “homem que faz muita pergunta” (OPP, p. 166). Quando Mário a convida para um encontro íntimo, ela aceita, mas reclama que ele demorou demais para fazer tal convite. Ao entrar no apartamento, a moça vai logo disparando: “— Tu és sagrado e és o segundo homem que eu conheço. E não quero sair daqui desiludida!” (OPP, p. 167). Após o sexo, Irene está em frente ao espelho refazendo a maquiagem. Mario aproxima-se e pergunta qual o motivo do adultério. Ela responde, serenamente, que o fez por curiosidade; queria, apenas, conhecer outro homem além do marido. Desesperado por ter sido considerado uma cobaia, ele pergunta o resultado da experiência. Irene responde que fora o pior possível, já que o desempenho de Mario fora inferior ao do marido. Ela sai de lá “desiludida do pecado” (OPP, p. 168). Depois do acontecido, Mário passou a persegui-la por telefone; ela desligava. Um dia, esperou-lhe na esquina, mas a moça não se importou. Ele a provocou, chamando-a de mascarada; ela deu-lhe com a bolsa na cara.

Neste caso, novamente, é a mulher quem toma iniciativa, mostrando-se, por vezes, agressiva e intimidadora ao amante em potencial. Isto fica claro quando Irene afirma que o encontro com Mário é seu primeiro pecado e que ela não quer desiludir-se. Tal agressividade aumenta a ponto de promover a humilhação do amante quando Irene afirma que seu desejo por satisfação sexual/afetiva não foi suprido e que se arrepende da experiência adúltera. Ela o desmoraliza naquilo que ele mais valoriza (o vigor sexual, o trato com as mulheres e o poder de conquistá-las), rejeitando-o em favor do marido. Mesmo que, no conto, o marido de Irene não pratique nenhuma ação (ele é apenas mencionado), temos, por meio da negação do adultério por Irene, a reafirmação de seu *status*.

⁴ In: *A Coroa de Orquídeas e Outros Contos de A Vida Como Ela É*, p. 164-168. As citações referentes a este conto serão fornecidas no próprio corpo do texto, entre parênteses, com a sigla OPP, seguida do número da página.

“O pediatra”⁵

Neste conto, Menezes desliga o telefone e anuncia para todos o sucesso de mais uma de suas conquistas. Os amigos perguntam quem é a próxima vítima. Ele responde que é a mulher do pediatra. Passam-se quarenta e cinco dias de telefonemas intermináveis, até que a moça aceita um encontro íntimo. Assim, Menezes começa a pesquisar, entre os colegas de trabalho, um apartamento “residencial e familiar” (OP, p. 13). Depois de muita insistência, Meireles cede e empresta a Menezes o apartamento em que sua própria mãe mora. O plano é que ela saia para dar um volta quando do encontro entre Menezes e a moça. A euforia do rapaz é tanta que se esquece do marido, o pediatra. Na ocasião do encontro, a moça se atrasa. Ao chegar, vai logo se explicando: “— Demorei porque meu marido se atrasou” (OP, p. 15). Menezes não entende. Diretamente, Ieda começa a despir-se. Ele pede explicações. Ela diz que não pode demorar, pois o marido tem pressa. Menezes, no auge do desespero, recua e diz que dessa maneira ele não a quer. Ela, então, estende-lhe a mão. Em seguida, exclama: “— Dois mil cruzeiros. É quanto meu marido cobra. Meu marido é quem trata dos preços. Dois mil cruzeiros” (OP, p. 15). Menezes desespera-se e chora.

Neste conto, quem toma a iniciativa dos telefonemas é Menezes. Depois de muita insistência, a moça aceita. Diante dos amigos, Menezes se exhibe por sua mais recente e difícil conquista. Toda a sua euforia é frustrada, quando, no momento do encontro, Ieda revela-lhe que seu marido a está esperando dentro do carro e que ele cobrará pelo “serviço”. Assim, Menezes tem a sua reputação de exímio conquistador abalada, pois se depara com a profissionalização do adultério, a prostituição sugerida no conto, e não como uma simples relação de mulher adúltera/marido traído como imaginava. Já o pediatra, o suposto marido traído, exerce o papel de cáften em relação à própria esposa, pois tanto agenda os serviços prestados por ela quanto recebe o dinheiro.

Em OP, a maneira pela qual a experiência adúltera é tratada problematiza a busca da personagem por sua satisfação sexual/afetiva. Afinal, não sabemos se o marido de Ieda transformara-se em seu cáften por ser traído frequentemente, sendo tal atitude uma tomada de posição frente a uma situação adversa (a traição/adultério); se, ao contrário, o marido impusera a prostituição à Ieda; ou, ainda, se a prostituição de Ieda fora, em princípio, o resultado de um comum acordo entre ela e o marido. Mesmo não sabendo qual o papel da busca por satisfação sexual/afetiva de Ieda, se é que há algum, nem a motivação do marido para tornar-se cáften da esposa, fato é que, para ambos, o adultério adquire um novo caráter, que, aparentemente, não interfere negativamente na relação conjugal a ponto de desfazê-la. Pelo contrário, podemos dizer que, no conto, a prostituição/adultério está “protegida” pelo signo do casamento, o que, de certa maneira, facilita seu trânsito/tolerância pela sociedade. Quanto ao posicionamento dos personagens frente ao adultério, o marido é ativo, em

⁵ In: *A Vida Como Ela É...: O Homem Fiel e Outros Contos*, p. 12-15. As citações referentes a este conto serão fornecidas no próprio corpo do texto, entre parênteses, com a sigla OP, seguida do número da página.

oposição à total manipulação exercida sobre o amante, que se envolve com uma, por assim dizer, prostituta, pensando que se trata de mais uma de suas conquistas amorosas. Já a posição da mulher parece indefinida: ela não apresenta nenhuma ressalva e é apoiada pelo marido, mas não podemos dizer se este apoio do marido é manipulação/imposição ou não.

“Esposa bem tratada”⁶

Guedes avisa Miranda que Luci é uma mulher difícil de ser conquistada. O motivo é que, além da moça ser séria, Braga é um bom marido para ela. Daí, a máxima do conto: esposa bem tratada não trai. Miranda nutre uma paixão por Luci como há muito não o fazia. Certa ocasião, encontrou-a numa festa. Por causa de sua timidez simulada, pois era um exímio conquistador, finge mal conseguir cumprimentar a moça. Assim, foi ela quem lançou olhares dardejantes e inúmeras insinuações enquanto dançava com o marido. Mesmo testemunhando tais insinuações, Guedes, o amigo, tentou dissuadir Miranda de sua conquista. Uma semana depois, a moça telefona-lhe no trabalho. Ela dispara: “— Você pensa que eu não percebo que você não tira os olhos de cima de mim? Podia ter me telefonado, ora essa, e por que não?” (EBT, p. 125). Miranda pergunta sobre o marido de Luci. Ela responde que ele nunca está em casa. Ele propõe um encontro, mas ela só aceita com a condição de que seja em um interior. Ele não entende; então, ela é enfática: “— Você não tem apartamento?” (EBT, p. 125). Depois de desligar o telefone, Miranda comemora com os amigos a conquista. Um deles empresta-lhe o apartamento. Depois do encontro amoroso, Luci reclama que teve o rosto arranhado pela barba de Miranda. Cego de animação, ele pergunta se ela gosta dele. Ela responde que não. Descontente e possesso por causa da resposta negativa, ele pergunta, então, qual o motivo do adultério. Ela responde que cometeu o adultério porque o marido tirava, todas as noites, a dentadura para dormir e colocava-a num copo d’água. Dizendo isto, ela apanha a bolsa e sai. Ele senta-se na cama e põe-se a chorar.

Em EBT, no início da narrativa, a mulher propensa ao adultério e o amante em potencial chegam a ter a mesma carga de participação na articulação do encontro amoroso, por exemplo, ela insinua-se, ele se faz de desentendido etc. Até então, ambos parecem exercer igual força no jogo de sedução. Após o ato amoroso, Luci, maquiando-se diante do espelho, é interrogada sobre o motivo da traição. Após ouvir dela a explicação absurda, porque o marido colocava a dentadura num copo d’água, Miranda fica arrasado e chora. Isto sugere que Miranda, caracterizado como poderoso conquistador e forte participante no jogo de sedução, sucumbe às vontades mais banais e absurdas de Luci. Não é possível identificar, no conto, se o pretexto utilizado por Luci constitui-se, de fato, numa justificativa, mesmo que grotesca, para o adultério, ou se a personagem dissimula a verdadeira razão de maneira irônica a fim de desmoralizar o amante. Contudo, estas duas hipóteses não se excluem. De qualquer maneira, percebe-se que Luci desaprova o adultério e faz questão de humilhar

⁶ In: *A Coroa de Orquídeas e Outros Contos de A Vida Como Ela É*, p. 123-126. As citações referentes a este conto serão fornecidas no próprio corpo do texto, entre parênteses, com a sigla EBT, seguida do número da página.

Miranda. Além disso, tal razão para o adultério parece contradizer, de maneira aberrante, a máxima “esposa bem tratada não trai”, implicando também em humilhação para Braga, que, por colocar a dentadura todas as noites num copo d’água, não é um marido exemplar para a esposa.

Segunda etapa: as quatro combinações possíveis

Tendo em vista o conteúdo abordado até o presente momento, é possível estabelecer, em forma de esquema, os diferentes posicionamentos do duo *mulher adúltera/ marido traído* que possibilitam a criação de vários contos sobre o mesmo assunto, o *adultério cometido por mulher casada*.

Vejamos o quadro:

| Mulher | Marido |
|------------------------|--------------------------------------|
| Aprova o adultério | Ativo perante o adultério |
| Não aprova o adultério | Passivo/ ausente perante o adultério |

A partir do esquema acima, há, nos cinco contos analisados, as seguintes combinações possíveis:

MULHER QUE APROVA O ADULTÉRIO + MARIDO PASSIVO/AUSENTE

Sobre esta combinação, há o conto “A mulher das bofetadas”. Dorinha é quem se mostra propensa a trair. É ela quem liga para Aristides marcando o encontro, incitando-o a providenciar um interior. Ocorrem vários encontros entre os dois, cujo pretexto são as bofetadas que o marido de Dorinha lhe dá. Contudo, este pretexto revela-se falso, conotando que Dorinha trai o marido com certa frequência por assim desejar. Logo, uma vez que ela constrói um pretexto para trair, o qual é revelado por ela mais tarde, e o faz constantemente, mesmo tendo sido desvendada a falsidade de tal pretexto, podemos dizer que Dorinha aprova o adultério. O marido dela é apenas mencionado, no conto, como “aquele que nunca está em casa”, não havendo qualquer ação por este praticada.

MULHER QUE APROVA O ADULTÉRIO + MARIDO ATIVO

Este esquema está presente no conto “O pediatra”. Nele, é Menezes, o amante, quem toma a iniciativa da conquista. No entanto, fica claro que Ieda só aceita marcar o encontro com ele quando bem entende. Até então, Menezes pensa dominar a situação, quando, na verdade, é Ieda quem se sobressai, uma vez que, para ela e com o aval do marido, o adultério tornou-se prostituição. E, como Ieda empreende encontros extra-conjugais sem maiores cerimônias e, ao que parece, com certa frequência, compreende-se que ela, em princípio,

aprova o adultério, bem como o marido. Cabe a este, ao pediatra, uma postura ativa perante o adultério da esposa, já que, ao estipular os preços dos encontros, beneficia-se. Vale ressaltar que o conto sugere a existência de um acordo entre Ieda e seu marido, o “agenciamento” dela pelo pediatra. Isto significa que o fato de Ieda ser casada, ao invés de ser um impedimento para o adultério, transforma-se num atrativo, uma espécie de fetiche que seduz fatalmente Menezes. Contudo, o que seria uma perfeita estratégia de sedução do “cliente” articulada por marido e mulher, pelo menos nesta ocasião, falha, visto que Menezes, ao descobrir a natureza dos acontecimentos, desiste do encontro.

MULHER QUE NÃO APROVA O ADULTÉRIO + MARIDO PASSIVO/AUSENTE

O conto “O Primeiro Pecado” traz esta combinação. Neste, é Irene quem toma iniciativa frente ao amante em potencial. Por vezes, as insinuações adúlteras são impostas a ele de forma agressiva, claramente dominadora. No que se refere à motivação para o adultério, Irene menciona que ama profundamente seu marido, mas que o traiu a título de experiência, curiosidade. Experiência que, segundo ela, foi frustrante. Fica clara, portanto, a sua desaprovação em relação ao adultério, implicando a submissão do amante à mulher. Quanto ao marido, este é apenas mencionado no conto, não desenvolvendo nenhuma ação.

Neste mesmo esquema, está o conto “Esposa bem tratada”. Nele, Luci e Miranda exercem igual força no jogo de sedução. A situação se reverte no momento em que ela é questionada pelo amante quanto ao motivo da traição. No desfecho da história, é claramente expresso que a moça desaprova a experiência adúltera. Quanto ao marido, este é mencionado no conto, não praticando nenhuma outra ação além de, segundo Luci, colocar a dentadura no copo d’água.

MULHER QUE NÃO APROVA O ADULTÉRIO + MARIDO ATIVO

O conto “Curiosa” é construído sob esta combinação. Neste conto, Jandira é quem toma todas iniciativas possíveis. Desde as insinuações para Serafim até o agendamento do encontro adúltero. Ao final, ela diz que traiu o marido apenas por curiosidade e ainda reitera que a experiência fora a pior possível. Além disto, o marido, quando descobre o acontecido, dá uma surra em Serafim. Isto sugere a total desmoralização do amante.

A título de ilustração seguem abaixo, em forma de gráfico, os motivos/ unidades temáticas (TOMACHEVSKI, 1976) que aparecem repetidamente nos contos. Isto reitera o caráter de repetição que embasa o processo de composição de Nelson Rodrigues.

| Contos | Agendamento do encontro | Local do encontro | Posição do amante | Momento em que se dá a explicação da mulher | Explicação da mulher para o adultério |
|---------|---|----------------------|---------------------------------|---|---------------------------------------|
| Curiosa | Combinam pessoalmente, durante um dos encontros | Apartamento do amigo | Questiona o motivo do adultério | Após o ato amoroso, refazendo a maquiagem | Por experiência |

| Contos | Agendamento do encontro | Local do encontro | Posição do amante | Momento em que se dá a explicação da mulher | Explicação da mulher para o adultério |
|------------------------|---|----------------------|-------------------------------------|---|---|
| A mulher das bofetadas | Por telefone | Apartamento do amigo | Não questiona o motivo do adultério | Após o ato amoroso, refazendo a maquiagem | Porque apanha do marido. Contudo, tal pretexto revela-se falso, pois ela nutre uma antiga paixão pelo amante. |
| O primeiro pecado | Combinam pessoalmente, durante um dos encontros | Apartamento do amigo | Questiona o motivo do adultério | Após o ato amoroso, refazendo a maquiagem | Por experiência |
| O pediatra | Por telefone | Apartamento do amigo | Não há consumação do ato sexual | Não há consumação do ato sexual | Não há consumação do ato sexual |
| Esposa bem tratada | Por telefone | Apartamento do amigo | Questiona o motivo do adultério | Após o ato amoroso, refazendo a maquiagem | Porque o marido tira a dentadura para dormir e a coloca num copo d'água |

Como visto, a exploração das possibilidades de reação da mulher frente ao adultério e do papel do marido neste contexto, aliada à constante retomada de unidades temáticas semelhantes nos cinco contos, possibilitou a composição destes contos. Somando isto às semelhanças estruturais vistas na primeira etapa deste trabalho, os contos tornam-se ainda mais parecidos.

Tendo em vista que os cinco contos estudados possuem muitos elementos estruturais semelhantes, procurei identificar um eixo básico destes elementos que proporciona diversas combinações entre si, promovendo a criação de várias narrativas em torno de um assunto central, no caso, o adultério cometido por mulher casada. Convém estudar de que maneira(s) este assunto central se desenvolve/configura nos contos, quais as suas significações e seus efeitos estéticos, para, posteriormente, relacionar tais informações com o jornal e suas determinações em termos de gênero de discurso ligado à mídia, veículo que o autor utilizou para divulgá-las.

Terceira etapa: o casamento sem adultério não é casamento

Apresentei, anteriormente, uma espécie de esboço do processo de confecção dos contos aqui escolhidos de *A vida como ela é*, aqueles cujo assunto é o adultério cometido por mulher casada. Tal processo baseia-se nas posições tomadas pelo marido traído e pela esposa adúltera. Conforme o marido traído toma ou não atitude perante o adultério e a esposa adúltera aprova ou não a experiência adúltera, tem-se, ao final de cada conto, efeitos estéticos diferentes. Aliadas a estes dois eixos combinatórios, estão as semelhanças estruturais, as formais e as de unidades temáticas. Isto cria a suposição de que tais elementos funcionam como moldes mais ou menos flexíveis, pois engendram algumas variações. É conforme estas variações que novos contos são criados, tendo cada um deles, ao seu final, um efeito diferente do anterior.

Analisei os mecanismos que possibilitam a variação dos efeitos nos contos. Convém,

agora, detectar de que maneira o *adultério* e o *casamento* são considerados e quais as suas contribuições/implicações nos contos.

Com o advento do Cristianismo, o casamento foi institucionalizado. Isto significa que ele foi eleito como o único meio lícito em que o ser humano podia fazer uso dos prazeres. Vejamos como Michel Foucault considera a questão:

para o ser humano, racional e social, é da própria natureza do ato sexual inscrever-se na relação matrimonial e nela produzir uma descendência legítima. Ato sexual, vínculo conjugal, progeneração, família, e mesmo para além da cidade, comunidade humana, tudo isso constitui uma série cujos elementos são ligados, e onde a existência do homem encontra sua forma racional. Retirar daí os prazeres para desvinculá-los da relação conjugal e para propor-lhes outros fins é, efetivamente, causar dano àquilo que constitui o essencial do ser humano (FOUCAULT, 1999, p. 171).

Por esta citação, pressupõe-se que o adultério, ou seja, a atividade sexual/uso dos prazeres fora do casamento, constitui-se numa prática condenável, pois ameaça a forma “racional” de vida que o ser humano deve levar: aquela em que a energia sexual deve ser utilizada sem exageros, de modo que o indivíduo se preserve, obedecendo sua função natural, a de gerar filhos, dentro da instituição do casamento, instituição bem aceita socialmente. Assim, temos que a

mancha não está no próprio ato sexual mas no “desregramento” que o dissociaria do casamento onde encontra sua forma natural e seu fim racional. Nessa perspectiva, o casamento constitui, para o ser humano, o único quadro legítimo da conjunção sexual e do uso dos *aphrodisia* (FOUCAULT, 1999, p. 171).

Portanto, o adultério só é prejudicial ao casamento na medida em que propõe uma nova forma de se buscar realização/prazer, afastando o indivíduo daquele uso que lhe seria inerente, pois a primeira célula social, a família, estaria sendo ameaçada. Contudo, como é possível que, nos contos de *A vida como ela é*, o casamento comporte tal prática sem desfazer-se, já que o adultério é considerado como uma forma de transgressão ao casamento? Em meu ver, a transgressão acaba por supervalorizar o que está sendo violado. Explicando: por transgressão, entende-se uma prática que vai além, ou seja, que quebra, mesmo que momentaneamente, uma lei/convenção. Esta quebra, em si, já pressupõe uma volta/(re)obediência à lei anteriormente transgredida⁷. Assim, quando o adultério é cometido, tem-se a quebra de uma lei/convenção referente ao casamento. Logo, se, nos contos, o casamento não é abalado e, ao final, após a experiência adúltera feminina, a ordem inicial marido/mulher é reestabelecida, havendo a reafirmação do casamento, há uma volta à lei anteriormente quebrada. Conforme Georges Bataille (1968), este é o caráter da transgressão: uma ação que dá a sensação de um movimento progressivo, mas que, na verdade pressupõe, sempre, um passo atrás, pois retoma e reforça a lei violada. Ou seja, ao desobedecer a lei, tem-se a ilusão de

⁷ Sobre a transgressão, ver Georges Bataille, *O Erotismo* (Lisboa, Moraes Editores, 1968).

que se está caminhado progressivamente. Contudo, a lei transgredida ainda existe e, ou há a obediência a ela, ou se permanece transgredindo-a, dando, sempre, digamos, um passo atrás. Isso se torna mais pertinente se tivermos em mente a diferença entre *transgressão* e *subversão* (BATAILLE, 1968). Dizendo *grosso modo*, ao se transgredir uma lei, não a modificamos em sua natureza. Esta modificação seria própria da subversão, ou seja, subverter uma lei significa transformá-la em outra coisa que não ela mesma, impondo novos conceitos e valores, novos limites diferentes dos originais. Portanto, o que se tem nestes cinco contos de *A vida como ela é* **não** é a proposta de um novo conceito nem a modificação do casamento em si, nem a atribuição de um novo/outro valor moral a este, mas, sim, a reafirmação do mesmo tal como convenção social que institui o uso dos prazeres como uso moderado/determinado afim à preservação da espécie e da família. Esta reafirmação do casamento como instituição na qual se exerce a sexualidade, produz-se filhos e compactua-se com as exigências e *status* sociais demonstraria que estas são instâncias interligadas que devem ser preservadas, já que determinam uma “existência racional” para o ser humano, como diz Foucault (1999). A seguir, analiso como estas proposições se configuram nos cinco contos em questão.

No conto “Curiosa”, a personagem Jandira deixa claro que cometeu adultério a título de experiência. Ela afirma que nunca conhecera, intimamente, outro homem além de seu marido. Esta mesma justificativa, o adultério como experiência primeira, é dada pela personagem Irene, de “O primeiro pecado”, outro conto anteriormente analisado. É interessante notar que, em ambos os contos, os narradores frisam o fato de que as personagens nunca traíram seus maridos antes, sendo a ocasião narrada a “primeiríssima vez” dessas mulheres. Se, por um lado, a primeira experiência adúltera das personagens fascina os amantes em potencial, por outro, torna-se fator de humilhação para eles, já que Jandira e Irene desaprovam o adultério: ambas se arrependem do feito e preferem seus maridos aos amantes. Além disto, no final dos contos, tudo indica que o casamento não é, de forma nenhuma, abalado; pelo contrário: há a negação do adultério como alternativa e a afirmação/fortalecimento do casamento por parte das mulheres.

Em “Esposa bem tratada”, o adultério também é rejeitado por Luci. Porém, a razão que a motivou a praticar o adultério nos leva a supor que ela encara seus desejos por uma experiência extra-conjugal de modo diferente de Irene e Jandira. Mais irônica que as outras duas, Luci fornece ao amante uma explicação absurda sobre o adultério, atribuindo-lhe um caráter irrisório. Como as três mulheres desaprovam o adultério por si mesmas, o papel dos maridos traídos ganha maior relevância em relação ao dos amantes, já que as esposas os preferem. É interessante dizer que as três personagens não sofrem qualquer tipo de represália devido à experiência adúltera. Suas conclusões quanto ao fato de não aprovarem o adultério baseiam-se em valores inerentes a elas mesmas, reafirmados por meio de decepcionantes experiências adúlteras. Por causa disto, percebe-se que há, por parte das personagens, uma certa descrença em relação ao adultério. Para elas, este é desprovido de aventura, fantasia e *glamour*, não passando de uma atitude sem maiores realizações. Esta desmistificação do adultério pode ser vista de maneira mais intensa em “Esposa bem tratada”. Nele, o motivo grotesco para o adultério fornecido por Luci sugere à questão um tratamento irônico/

sarcástico, o que atenua seu valor. Portanto, como o adultério não é considerado uma saída eficaz para as três personagens femininas, tem-se que estes três contos apresentam uma proposta afim ao moralismo, cuja máxima é o casamento como instituição, já que este se constitui num meio lícito, fonte e fim para as práticas/buscas afetivo-sexuais, retomando, pois, os dizeres de Foucault (1999), citado anteriormente.

Em “A mulher das bofetadas”, Dorinha dissimula um pretexto para trair o marido, o das supostas bofetadas dadas por ele. Contudo, apesar de fingir, todo o tempo, que não gosta do amante, ela aprova o adultério e mantém, constantemente, os encontros com ele. Há algo peculiar neste conto: nele, a experiência adúltera é motivada pela antiga paixão adolescente de Dorinha por Aristides. Ao final do conto, permanece a sugestão de que, após revelar a verdadeira razão do adultério, Dorinha continua a equilibrar seu casamento e os encontros com o amante. Dessa maneira, além de a personagem aprovar a experiência adúltera, tudo indica que há uma espécie de harmonia entre adultério e casamento, pois não há indícios de que esta paixão e os encontros que acontecem em favor dela causem algum abalo no casamento da moça. Podemos dizer que, neste conto, há a realização do ideal de adultério, pois a personagem é capaz de resolver a dicotomia sexo/amor, conjugando adultério e casamento. Quanto ao amante, no desfecho do conto, há a sugestão de que este aceita tal condição sem maiores questionamentos.

Em “O pediatra”, o adultério é encarado como prostituição. Isto implica que o sexo é transformado em um *bem de consumo*, um *serviço* a ser prestado. Fica evidente que o adultério como prostituição é mais vantajoso para o marido, pois ele concede à esposa uma espécie de liberdade vigiada ao controlar-lhe os amantes, o tempo e o valor dos encontros. O que seria um adultério comum, caracterizado pela quebra da fidelidade conjugal, é transformado em um acordo entre o casal. Assim, Ieda e seu marido desmistificam o adultério transformando-o em prostituição.

Conclui-se, então, que nos contos de *A Vida Como Ela É*, o adultério não é uma saída eficaz para a realização afetiva/sexual fora do casamento. Isto porque, dos cinco contos aqui analisados, em três deles, “Curiosa”, “O primeiro pecado” e “Esposa bem tratada”, o adultério é desmistificado. Em “O pediatra”, o adultério é transformado em prostituição, o que o descaracteriza como adultério. E, por último, somente em “A mulher das bofetadas”, o adultério é considerado como uma alternativa pertinente na conciliação entre realização afetivo/sexual dentro e fora do casamento. Novamente, prepondera a máxima moralista, cujo intuito é preservar o uso lícito e racional dos prazeres dentro da instituição do casamento, pois este é utilizado como uma espécie de máscara.

Compreende-se, tendo em vista a discussão realizada até a presente etapa deste artigo, que o adultério é compreendido como uma forma de transgressão ao casamento, e não como subversão dele, o que o reafirma como instituição. Além disso, todas as personagens femininas possuem autonomia para buscar sua realização amorosa/sexual. Elas utilizam os mais diversos meios para empreender tal busca: valendo-se de mentiras, ironia e dissimulação, elas arquitetam um poderoso jogo de sedução/manipulação tanto em relação aos amantes como em relação aos maridos. A facilidade com que as mulheres promovem a humilhação

dos amantes e a manipulação dos maridos demonstra o quanto os personagens masculinos estão equivocados sobre seus gostos, desejos e vontades. Enfim, o universo que as cerca não é dado à compreensão dos homens e, quando isto ocorre, dá-se no momento e da maneira que elas querem. O desfecho dos contos e os seus efeitos finais, quase sempre, demonstram o resultado desta incompreensão. Fica explícita a maneira irônica/sarcástica/grotesca como os amantes que não entendem de mulheres são tratados: uns, por vezes, sentam-se e choram humilhados em seu poder de conquista; outros perseguem e provocam suas agressoras. Este desencontro entre homens e mulheres sugere a impossibilidade de harmonia entre desejo e amor dentro e fora do casamento. Assim, o adultério seria uma tentativa frustrada de resolver este dualismo.

Ainda com relação à negação do adultério em quatro dos cinco contos de *A Vida Como Ela É*, pode-se considerar que existe uma problematização quanto à busca por satisfação afetiva/sexual das personagens femininas. Isto implica o fato de que nos contos não há vestígios que afirmem a infelicidade dessas mulheres com seus respectivos maridos, exceto em "Esposa bem tratada" em que há a falsa queixa de Luci sobre o hábito do marido. E nem é meu objetivo, aqui, pesquisar a natureza dos motivos que levaram as mulheres a cometer adultério. Mas, considerando que toda transgressão pressupõe uma punição, eu diria que, especificamente nestes contos, o fato de todas as mulheres voltarem aos maridos sem que o casamento delas seja abalado não significa, propriamente, a realização dessas mulheres, e, sim, uma espécie de punição. Isto porque, em momento algum, os contos tratam diretamente do desejo e da realização afetiva como bens a serem conquistados. Pelo contrário, por tal punição, entende-se que, o tempo todo, é afirmada a inutilidade de empreender tal busca. O conto "O pediatra", em que a prostituição é travestida de casamento, representaria um extremo da inutilidade desta busca, pois, através da mecanização do prazer, afirmaria a inexistência de qualquer realização no campo pessoal do desejo.

De modo geral, se, por um lado, há um certo feminismo por parte de Nelson Rodrigues, já que ele, inicialmente, constrói personagens femininas fortes e independentes em relação às figuras masculinas, atribuindo a estas mulheres autonomia na busca de realização de seus desejos, por outro, esta autonomia se revela falsa, já que a satisfação afetiva e erótica, tanto dentro do casamento quanto fora dele, não existe. Este paradoxo que encerra a mulher no campo da inutilidade da busca de sua realização afetiva e sexual devido à sua inexistência revela que Nelson Rodrigues seria, neste aspecto, um autor transgressor, longe de ser subversivo.

A seguir, tratarei da repercussão dos contos que tratam da dicotomia casamento/amor e/ou adultério/desejo, tendo em vista o meio utilizado para veiculá-los, o jornal.

Quarta etapa: sensacionalismos íntimos

Viu-se o quanto os cinco contos que têm o adultério cometido por mulher casada por assunto principal são estrutural e semanticamente parecidos. Além disso, identifiquei uma

espécie de fórmula através da qual eles são construídos: sob os posicionamentos da mulher adúltera e do marido traído, eixos mais ou menos flexíveis que, conforme se entrecruzam, engendram variações responsáveis por diferentes efeitos estéticos. Também, abordei a forma como o adultério é considerado nos contos: uma prática que empreende uma tentativa frustrada de resolver os impasses amor, sexo e desejo; esta, perfeitamente, ajustável ao casamento e, portanto, socialmente tolerada. Considerando que os aspectos estruturais e temáticos são interdependentes, convém, agora, procurar esclarecer de que maneira ambos se relacionam com um terceiro aspecto, o da leitura/recepção dos contos.

Sabe-se que, inicialmente, os contos de *A Vida Como Ela É* formaram uma coluna diária no jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, no período de 1951 a 1961. Tal informação ganha mais valor considerando-se os aspectos estruturais dos contos. É conforme as proposições do jornal e todas as suas implicações formais, semânticas e estéticas que se pode dizer que os contos de *A Vida Como Ela É* se aproximam do *fait divers*. Em seguida, tratarei dos modos como se configura tal semelhança. Para tanto, primeiramente, farei algumas considerações sobre o *fait divers*, segundo Roland Barthes.

Fait divers é a classificação utilizada por Barthes (1977) para designar as notícias de jornal que tratam de diversos assuntos. Estes assuntos, em sua maioria, estão ligados a acontecimentos do cotidiano. Fatos como mortes, assassinatos, roubos, desastres, que trazem a marca do elemento aberrante, da coincidência marcada pelo mistério, da surpresa, invariavelmente, despertam a curiosidade de quem os consome. O *fait divers*, então, “seria uma informação *monstruosa*, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma, inomináveis, que se classificam em geral pudicamente sob a rubrica dos *Varia*” (BARTHES, 1977, p. 58).

A sua própria estrutura favorece o consumo imediato da informação que ele traz; por isso, o *fait divers* é fechado, *imane*nte, não necessitando de informações externas a ele mesmo para ser consumido: “no nível da leitura, tudo é dado num *fait divers*; suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desenlace; sem duração e sem contexto, êle constitui um ser imediato, total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito” (BARTHES, 1977, p.59).

Existem duas relações que, apesar de serem diferentes entre si, completam-se de modo a articular a estrutura do *fait divers*: a *perturbação da causalidade* e a *coincidência*. A primeira relação pode ser percebida de duas formas: diz respeito ao fato cuja causa não se pode explicar, ou à causa revelada que contraria qualquer previsão; daí o espanto, o estranhamento. A segunda relação, a de coincidência, liga-se à repetição dos acontecimentos. Crê-se que, se algum fato se repete com frequência, por exemplo, um mesmo banco é assaltado sete vezes, é porque tal acaso quer significar algo; daí, a curiosidade em desvendar esta significação. Desse modo, Barthes considera que

a causalidade explícita do *fait divers* era afinal uma causalidade arranjada, pelo menos suspeita, duvidosa, irrisória, já que de certo modo o efeito aí decepciona a causa; poder-se-ia dizer que a causalidade do *fait divers* é constantemente submetida à tentação da coincidência, e que, inversamente, a coincidência é

constantemente fascinada pela ordem da causalidade. Causalidade aleatória, coincidência ordenada, é na junção desses dois movimentos que se constitui o *fait divers* (BARTHES, 1977, p. 66).

Portanto, o *fait divers* tem um caráter ambíguo, que trata do “racional e do irracional, do inteligível e do insondável” (1977, p. 67). Cabe, agora, verificar como os cinco contos que tratam do adultério cometido por mulher casada se assemelham ao *fait divers* e quais as implicações de tal semelhança.

Primeiramente, considero que os cinco contos aqui analisados tratam de um assunto muito corrente no cotidiano, que desperta o interesse, a curiosidade das pessoas: o adultério. É a curiosidade sobre o assunto, sobre suas implicações, sobre suas circunstâncias etc. o elemento-chave operante nos contos. É como se estes possibilitassem ao público leitor do jornal um espionar, pelo buraco de uma fechadura, a vida íntima das personagens, suas ações, sentimentos, reações frente aos acontecimentos. Tendo em mente o veículo que divulgou estas informações e considerando as implicações financeiras que este veículo possui, entendo que o jornal determina uma adaptação deste assunto ao seu formato, dando aos contos um caráter efêmero: o assunto, o adultério cometido por mulher casada, é o mesmo nos cinco contos, mas as personagens, suas reações, os acontecimentos, seus efeitos, são diferentes a cada novo conto. Assim como o *fait divers*, os contos de *A Vida Como Ela É* são confeccionados de modo a ter um caráter de produto consumível, de vida curta. É importante dizer que este caráter consumível e efêmero dos contos e do *fait divers* não lhes altera o fato de que estes sejam considerados literatura.

Tem-se que a estrutura dos contos contribui, também, para a sua semelhança com o *fait divers*. Como este, os contos são *imanescentes*. Explicando isto: de início, Barthes aponta que o *fait divers* é semelhante ao conto porque, “no nível da leitura, tudo é dado num *fait divers*; suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desenlace; sem duração e sem contexto, ele constitui um ser imediato, total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito” (1977, p. 59). Dessa maneira, é interessante dizer que as tramas dos cinco contos são estruturadas de modo a possibilitar tal imanência: primeiro, há um rápido sumário que introduz uma cena; esta cena expõe um conflito e em que estágio de desenvolvimento ele se encontra. De modo a contextualizar esta cena, esclarecendo possíveis dúvidas, o narrador adiciona uma analepse. Segue-se mais um rápido sumário e, um corte, eclipse, introduz uma nova cena. Daí por diante, o narrador segue a diegese de forma linear, intercalando sumários, cenas e elipses, até o desfecho da diegese. Ocorre que, neste percurso linear, assim como no *fait divers*, nos contos, são dadas as circunstâncias, as causas, o passado, o desenlace dos acontecimentos.

Além do assunto e da estrutura, os contos possuem mais um elemento que contribui para a sua semelhança com o *fait divers*, o seu efeito estético. Vejamos no quadro abaixo quais são esses efeitos e suas implicações junto ao *fait divers*:

| Contos | Efeitos | Grau de aproximação com os <i>fait divers</i> | Consequência |
|------------------------|---|---|---|
| Esposa bem tratada | Efeito cômico e grotesco que dá um caráter irrisório ao adultério. | Há a perturbação da causalidade. | O desfecho atribui um caráter frívolo ao adultério. |
| O pediatra | Efeito surpresa: a revelação sobre a natureza do adultério é inusitada. | Há a perturbação da causalidade. | O desfecho atribui caráter cínico ao adultério, pois há a profissionalização deste. |
| A mulher das bofetadas | Efeito surpresa: o pretexto das bofetadas revela-se falso, pois há a paixão. | Há a perturbação da causalidade. | O desfecho surpreendente é atenuado; sugestão de moralismo. |
| Curiosa | Efeito previsível, pois as intenções da personagem quanto ao adultério são evidentes. | Não há perturbação da causalidade, pois a curiosidade da personagem é enfatizada durante o desenrolar da narrativa. | Desfecho afim ao moralismo. |
| O primeiro pecado | Efeito previsível, pois as intenções da personagem quanto ao adultério são evidentes. | Não há perturbação da causalidade, pois a curiosidade da personagem é enfatizada durante o desenrolar da narrativa. | Desfecho afim ao moralismo. |

No conto “Esposa bem tratada” (EBT), ao final da diegese, Luci, a personagem adúltera, depois de obter do amante o encontro amoroso, revela-lhe que traiu seu marido porque este colocava, todas as noites, para dormir, a dentadura num copo d’água. É o caráter absurdo e grotesco deste motivo que introduz a perturbação da causalidade no conto. Isto é, conhece-se a causa do adultério, mas a natureza desta causa contraria qualquer previsão. É a quebra de expectativa por meio do espanto e do absurdo que possibilita que o conto seja lido como um *fait divers*. Além disso, para o leitor, tal perturbação, como efeito final do conto, é completamente inusitada. Resumindo o conto a uma chamada jornalística, diríamos: “mulher trai o marido por causa da dentadura”. Como diz Barthes, no *fait divers*, “a causalidade revelada é de certa forma mais pobre do que a causa esperada. [...] Paradoxalmente, a causalidade é tanto mais notável quanto mais é decepcionada” (1977, p. 62). Com base no absurdo, que acarreta um efeito cômico e grotesco, podemos dizer que Luci atribui um caráter irrisório ao adultério, desmistificando-o. Tal tratamento transforma o adultério numa experiência esvaziada de expectativa em que a personagem feminina (Luci), ao revelar o motivo, destrói todo o embasamento erótico construído no decorrer da narrativa. Isto acontece porque o erotismo, que seria, teoricamente, um elemento afim ao adultério, é equiparado a uma piada de mau-gosto, ao motivo grotesco da dentadura.

Em “O pediatra” (OP), temos uma situação semelhante à do conto anterior. Ieda chega ao local marcado para o encontro amoroso e vai logo tirando o vestido. Então, revela ao amante que está com pressa, pois o marido a espera no estacionamento do prédio. Menezes percebe que o encontro amoroso não se trata de simples adultério, mas sim da profissionalização deste, de prostituição. Pode-se resumir o conto à seguinte chamada: “mulher cafetinada pelo próprio marido”. Novamente, temos a aproximação do conto com o *fait divers*, já que há, nele, a perturbação da causalidade, quando da revelação feita por Ieda ao amante. Assim, a razão

que se espera para justificar o adultério é contrariada, acarretando um efeito inesperado. Este efeito sugere que Ieda e seu marido posicionam-se de maneira cética em relação ao adultério.

No conto “A Mulher Das Bofetadas” (AMDB), novamente, há a perturbação da causalidade quando Dorinha revela o verdadeiro motivo do adultério a Aristides. Inicialmente, os encontros acontecem sob o pretexto das bofetadas dadas pelo marido de Dorinha. Contudo, tal pretexto é desmentido pela própria personagem, já que, de fato, as bofetadas nunca existiram. O motivo do adultério é a paixão de Dorinha por Aristides. Dessa maneira, temos que a causa inicial para o adultério é contrariada, o que possibilita que o conto seja lido como um *fait divers*. Entretanto, seu efeito, apesar de surpreendente, é diferente dos contos anteriores (EBT e OP). Isto é, neste conto, a causa esperada é contrariada, mas não de forma aberrante, já que a natureza daquilo que a contraria, a paixão adolescente entre os amantes, não é absurda, exagerada como nos contos anteriores.

Os contos “Curiosa” (C) e “O Primeiro Pecado” (OPP), além de possuírem semelhanças estruturais e semânticas entre si, apresentam efeitos estéticos parecidos: a causa para o adultério, sugerida a todo momento desde o início da narrativa, é confirmada, apresentando um efeito previsível. Ao final da diegese, as mulheres adúlteras revelam aos amantes o verdadeiro motivo do adultério: a curiosidade. Tal revelação não causa tanto estranhamento, pois não há a perturbação da causalidade como em EBT e OP. Nestes contos, a causalidade esperada é um tanto previsível, confirmando-se. Isto significa que o efeito surpresa, característico do *fait divers*, dá lugar a outro efeito afim ao moralismo. Em C e OPP, há um tratamento mais “sério” em relação ao adultério. Esta seriedade explica, de certa forma, porque o adultério como experiência primeira é tão desejado pelas personagens. Contudo, quando da consumação do ato sexual com os amantes, as personagens decepcionam-se. Isto implica dois fatores importantes: primeiramente, reconhece-se que o casamento é mais conveniente e aceitável socialmente; além disso, ele é considerado como a forma mais acessível de realização pessoal, já que elas optam pelo prazer/afetividade existente no próprio casamento. Percebe-se que a experiência adúltera é negada em prol do casamento, no qual a sexualidade é exercida de maneira racional, conforme abordado na terceira etapa deste artigo.

Em relação à possibilidade de leitura dos cinco contos como *fait divers*, percebe-se uma espécie de gradação. Digo isto tendo em mente a intensidade dos efeitos estéticos dos contos. Assim, “Esposa bem tratada” e “O pediatra” são dois casos exemplares de *fait divers*, pois contêm o elemento grotesco afim ao absurdo que perturba a causalidade. Em segundo lugar, estaria o conto “A Mulher das bofetadas”, por conter, simplesmente, a quebra de expectativa, sem o espanto e o absurdo. E, por último, estariam os contos “Curiosa” e “O primeiro pecado”, pois eles possuem um desfecho nada chocante e/ou surpreendente, o que, quanto ao efeito, atenua suas semelhanças com o *fait divers* salvo os aspectos estruturais e temáticos abordados anteriormente. Esta gradação na semelhança entre os contos e o *fait divers* revela um outro fator importante que se relaciona com o aspecto temático. Na medida em que se tem um caso exemplar de *fait divers*, como em EBT e OP, o desfecho moralista atenua-se, já que o adultério ganha um caráter irrisório⁸. Ao contrário, na medida em que o efeito semelhante ao *fait*

⁸ Ou o adultério recebe um tratamento que o descaracteriza como tal, como no caso específico do conto “O

divers é atenuado, como nos contos “Curiosa” e “O primeiro pecado”, o desfecho moralista fica evidente. “A mulher das bofetadas” permaneceria num meio termo, já que traz em seu desfecho um efeito tênue de *fait divers*, no qual o moralismo não prepondera, configurando-se como uma possibilidade de harmonia entre o casamento e o desejo exercido fora dele.

Portanto, esta gradação na semelhança dos contos com o *fait divers* configura-se no processo de composição dos contos como mais uma unidade passível de engendrar variações que darão origem a novos contos. Penso que os aspectos estruturais, temáticos e pragmáticos (efeito) destes cinco contos não se tratam de elementos estanques cuja simples combinação gera novos contos. Pelo contrário, estes três aspectos possuem, latentes em cada um deles, inúmeras possibilidades que, conforme se entrecruzam, geram inúmeras variações. Variações que, como visto, não foram exploradas em sua totalidade, mas são claramente perceptíveis num pequeno número de contos que tratam do adultério cometido por mulher casada.

Considerações finais

Creio que um dos aspectos mais interessantes do artigo aqui realizado é a versatilidade do eixo combinatório. Em princípio, parece algo estanque, cujas variações soariam irrisórias. Pelo contrário. Apesar de pressupor apenas quatro variações, estas implicam significações bastante distintas entre si. Além disso, a aproximação ou não das características do *fait divers* é um outro fator de diferenciação entre os contos. Tanto que é lícito afirmar que todas as variações possíveis não foram utilizadas: as quatro possibilidades do eixo poderiam aproximar-se do *fait divers* ou não, perfazendo um total de oito contos de efeitos e significações diferentes. E, conforme visto, apesar de serem muito parecidos em princípio, os contos abordados contrapõem sensíveis diferenças a esta semelhança quando analisados mais atentamente.

Do dito acima, há dois fatores, interdependentes entre si, que inquietam. O primeiro deles diz respeito à poética dos contos de Nelson Rodrigues: os eixos combinatórios e aproximações/distanciamentos em relação ao *fait divers* seriam recorrentes aos demais contos de *A Vida Como Ela É?* O segundo fator parte do princípio de que este primeiro é verdadeiro: esta poética teria, portanto, uma estreita relação com o fato de os contos serem publicados diariamente em jornal, já que isso solicita quase que uma produção em série para suprir a demanda. Além disso, fatores tais como: o número de caracteres, a diagramação e a própria posição da coluna rodrigueana em relação aos demais textos do jornal revelam a pressuposição de um dado público leitor: num Brasil dos anos 50 e 60 do século XX, este público esteve circunscrito a grandes cidades, especialmente Rio de Janeiro, cuja vida modernizada e veloz contrastava com a mentalidade pequeno-burguesa dos subúrbios cariocas. Visto como consumidor de bens culturais, o possível leitor de *A Vida Como Ela É?* tem espelhados nesta estrutura folhetinesca seus desejos, suas desventuras, seu voyeurismo, sua moralidade e curiosidade que são elaborados literariamente e, por que

Pediatra”, em que é visto como prostituição.

não dizer, espetacularizados. Infelizmente, não podemos aprofundar todas estas questões no espaço deste artigo. De qualquer maneira, fica uma expectativa de que este trabalho desperte a curiosidade e até mesmo auxilie na pesquisa de estudiosos interessados na obra de Nelson Rodrigues, já que esta é apenas mais uma das inúmeras possibilidades de leitura que a produção deste importante escritor brasileiro nos oferece.

Agradecimentos

Este artigo teve por texto-base minha monografia de conclusão de Curso de Graduação em Letras, orientada pelo Professor Dr. Arnaldo Franco Junior. Meus sinceros agradecimentos pelo seu auxílio no início de minha caminhada nos estudos e na vida.

DIAS, E.M. S. Life as It Is: Nelson Rodrigues' *Fait Divers*. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 7, n. 1, p. 113–134, 2015.

Referências bibliográficas

BARTHES, R. Estrutura da Notícia. In: _____. *Crítica e Verdade*. Trad. L. Perrone-Moises. São Paulo: Perspectiva, 1977.

BATAILLE, G. *O Erotismo*. Trad. J. Bernard da Costa. Lisboa: Moraes Editores, 1968.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade III: O Cuidado de Si*. Trad. M. T. da Costa Albuquerque. 6. ed., Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GENETTE, G. *Figures III*. Paris: Editions du Seuil, 1972.

RODRIGUES, N. *A Vida Como Ela É...: O Homem Fiel e Outros Contos*. Seleção de Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1992. (*Coleção das Obras de Nelson Rodrigues*, 2)

_____. *A Coroa de Orquídeas e Outros Contos de A Vida Como Ela É*. Seleção de Ruy Castro. São Paulo, Companhia das Letras, 1993. (*Coleção das Obras de Nelson Rodrigues*, 5)

TOMACHEVSKI, B. Temática. In: EIKHEMBAUM, B. *Teoria da literatura – Formalistas russos*. Trad. A. M. R. Filipouski et. al. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1976. p.169-203.

Recebido em: 03/09/2014

Aceito em: 28/10/2014